2.ª SERIE. TOMO V.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal—S. J. RIBEIRO DE SÁ.

NUM. 4. QUINTA FEIRA, 5 DE AGOSTO DE 1852. 12.º ANNO.

SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

O BANCO DE PORTUGAL EM RELAÇÃO Á SITUAÇÃO FINANCEIRA.

Le crédit, sous sa double forme de crédit public et de crédit privé, merite d'etre classé sur le même rang que la vapeur et l'imprimerie, au nombre de ces forces qui sont destinées, appelées á changer la face du monde, et qui sont en voie d'opérer sur la terre la transformation de toutes classes au profit de la liberté comme de l'ordre.

M. CHEVALIER.

III

A especialidade dos argumentos de analogia produzidos para sustentar que o Banco de Portugal deve ao Estado juros pela circulação das notas do Banco de Lisboa nos obriga a tractar este ponto em separado.

A analogia que se appresenta eleva a questão na generalidade á consideração do que em circumstancias identicas se tenha feito em relação aos Bancos fóra do nosso paiz, mormente na ultima crise europea de 1848, e na especialidade ao exame dos pontos de similhança entre as relações dos governos com esses Bancos, e as relações existentes entre o Estado e o Banco de Portugal.

Encontramos assim formulados os argumentos de analogia que impugnamos.

« Que as letras commerciaes que não são pagas no vencimento, sendo protestadas, vencem juros a favor do possuidor desde aquelle dia:

Que as notas do Banco de Lisboa, ou de outro qualquer Banco, passadas á vista, não sendo pagas na sua appresentação, podem ser protestadas para aquelle fim de vencerem juros por toda a demora do pagamento:

Que não tendo o Banco de Lisboa pago as suas notas que lhe foram appresentadas, em virtude do decreto de 23 de maio de 1846, que lhes deu curso forçado, este facto o não eximiu da responsabilidade dos juros, pois que o mesmo decreto serve de prova de que o pagamento das notas se não effectuou; e nesta parte suppre ou equival ao protesto:

Que a rigorosa justiça exigiria que os juros fossem pagos aos portadores das notas do Banco, mas que sendo isto impraticavel ninguem, absolutamente ninguem, ousaria negar que o Banco os deve pagar ao thesouro publico. »

Não podemos deixar de louvar o arrojo com que em taes argumentos se envolvem principios absolutamente novos, e nunca appresentados em relação ás theorias em que assentam os Bancos da Europa; mas sentimos não poder concordar com esses novos principios.

É impossivel igualar um Banco á casa de um simples commerciante, e reduzir os creditos sobre elle ás mesmas circumstancias dos creditos sobre um particular, e isto mesmo em beneficio do credor.

A liquidação de qualquer casa commercial é sempre possivel, sem que este facto perturbe as leis do mercado de todos os representativos do credito — a liquidação de um Banco durante uma crise é impossivel sem gravissimos prejuizos para a causa publica. A similhança não se póde acceitar em um ponto, para não a considerar nas suas consequencias logicas, o protesto garante os juros e vae direito á liquidação. As notas de um Banco são um meio circulante, um signal representativo da moeda — não se acceitam nas transacções para usufruir um juro, correm na circulação em virtude de convenções especiaes, em que de um lado figuram altas rasões do Estado, e do outro vantagens immediatas para o commercio. A admissão do principio de que a nota de Banco era egual á letra de cambio para o protesto e juro seria um optimo recurso para os Bancos, que por erro proprio se embaraçassem nas suas operações. Logo que se impõe a obrigação do pagamento dos juros pelas notas, concede-se-lhe tacitamente o direito de recorrer a elle. Seria um acto seu a suspensão do pagamento á

vista, pois que o pagamento do juro o auctorisava a isso: suspendia, mas compensava, dispunha portanto, sempre que lhe conviesse, de uma moratoria que poderia terminar pelo pagamento ou pela liquidação.

Mas nem quando a crise de um Banco é estranha ao procedimento do Governo, as leis que os regulam permittem estes abusos. O Governo do Estado não aliena de si o direito de providenciar sobre uma instituição publica, que se não deve sujeitar ás regras porque se regula qualquer individuo. E nesta circumstancia especial a suspensão de pagamento é decretada para o Banco se habilitar a pagar, sem lhe agravar a situação, augmentando-se o debito com juros accrescidos, em opposição á natureza do papel do Banco, e facilitando-lhe os meios da sua rehabilitação ás vezes até com supprimentos de capitaes do Estado.

Expressamente começamos por esta hypothese a mais desfavoravel á nossa opinião. A sua especialidade se torna muito rara. O que geralmente acontece é o Estado dever sempre aos Bancos, e ser não só a falta dos seus pagamentos, mas as suas novas necessidades, que trazem a providencia governativa da suspensão do pagamento das notas.

Como nós ousamos, ainda que com a maior consideração pela opinião opposta, sustentar que o Banco de Portugal não deve pagar ao thesouro publico os juros da circulação das notas do Banco de Lisboa, carecemos de desfazer o argumento de analogia que se basea em que as notas de qualquer Banco, não sendo pagas á vista, podem ser protestadas para o effeito do vencimento de juros.

Não esperavamos que ninguem, absolutamente ninguem, avançasse uma proposição, que é destruida por todos os factos analogos.

O que em relação ao credito publico se passou em Portugal em 1846, foi igual ao que se passou na Europa em 1848. Existe a differença de que a crise actuava com muito mais força em uma area mais pequena, e na qual se operavam muitas transacções assentes na confiança publica, isto é, na solidariedade e honra do Estado.

O curso forçado das notas do Banco da Austria, decretado em junho de 1848 dura ainda. As circumstancias extraordinarias da guerra da Hungria e da Lombardia augmentaram em mais de 100 milhões de florins o seu credito sobre o Estado.

Para a nossa questão tomaremos um dos periodos das suas relações com o Governo. Em 31 de dezembro de 1848, por exemplo, a circulação das suas notas era de 250.477:638 milhões de florins, nesse mesmo dia o Estado devia-lhe 207 milhões. O Governo abonou sempre juros ao Banco, e em tão vasto imperio ninguem se lembrou de exigir juros ao Banco pela circulação das suas notas, e esta circulação causava bastante prejuiso publico, pois que nessa data o seu desconto era de 25 por cento; mas todos percebiam o simples estado da questão: o Governo e o Estado são uma e a mesma coisa, se a nação não pode pagar ao seu credor, se o força aos graves prejuisos da paralisação das suas transacções, como lhe ha de impôr ainda um encargo de pagamento irregular de juros, de que, se ha devedor, só a propria nação o podia ser.

Em Portugal, como na Austria, tambem o Governo se valia do curso forçado para ter meios de acudir ás suas urgentes despezas; e depois da suspensão de pagamento das notas recebeu:

Supprimentos de 25 de maio a 29 de agosto de 1846. . . .	640:000$000
Supprimento em virtude do decreto de 22 de outubro do mesmo anno.	300:000$000
Em virtude do decreto de 19 de novembro de 1846.	300:000$000
	1.240:000$000

Eis aqui como mais da quinta parte da somma em que se fixaram as notas do Banco de Lisboa provem da acção e necessidade urgente do Governo e da causa publica, mesmo depois do seu curso forçado. E para se vêr como sobre o Banco recahiu um odioso injusto, e para se avaliarem os seus graves prejuisos, é mister notar que esta somma, que juntamente com o resto seria amortisada em 23 annos, foi pelas providencias posteriores sujeita a uma amortisação muito mais forte, ao passo que o seu pagamento, deferido para longos prasos por meio do fundo especial de amortisação, em logar de se aproximar, não só se conservou mas se alongou mais pelos desvios da parte do producto desse fundo da sua legal applicação, pela subtração dos 120:000$000 annuaes da alfandega, que tambem o constituiam, e pela incrivel demora da entrega dos juros das inscripções e Bonds resgatados, que por lei lhe pertencem. Comparemos agora este proceder com o do governo da Austria em relação ao seu Banco.

A somma das notas do Banco nacional da Austria tinha augmentado depois da suspensão do seu pagamento, em virtude dos emprestimos feitos ao governo, porquanto já vimos que a circulação era em 31 de dezembro de 1849 de mais de 250 milhões de florins, e devemos agora observar que em 31 de dezembro de 1848 era de 222 milhões. Antes de dezembro de 1849, a circulação chegou a ser muito superior á somma em que estava no dia 31 desse mez, e o seria tambem nesse dia se o governo em logar de retardar, como em Portugal, o pagamento da sua divida, não houvesse, pelo contrario, pago nos ultimos mezes desse anno mais de 39 milhões, provenientes das indemnisações que recebeu da Sardanha, e das prestações recebidas para o emprestimo contratado a 4 e meio por cento, e do qual uma boa parte se destinava a pagar pelo menos metade do debito do estado ao Banco.

Expondo a comparação destes factos á consideração do publico, o seu resultado é tão eloquente em favor das nossas opiniões, que enfraqueceriamos

a sua força juntando-lhe outros argumentos. Esta analogia é positivamente em nosso favor, e prova solemnemente, que se não póde inventar em credito e circulação uma theoria nova, não só para a applicar a um caso, e a um estabelecimento, mas muito menos, para a generalisar ás notas de qualquer Banco.

E para que se não pense que tomamos um exemplo singular, passemos a outros que generalisam a nossa impugnação.

O Banco de Genova, fundado em 1844, tinha o capital de 4 milhões de francos. Nas violentas difficuldades da sublevação da Italia, em 7 de setembro de 1848, um decreto auctorisou o Banco a fazer um emprestimo ao estado de 20 milhões de francos. A suspensão do pagamento das suas notas foi tambem decretada, e valeu ao thesouro publico, elevando ao triplo as suas emissões. Ninguem se lembrou de exigir juros do Banco por esta circulação, mas de que se lembrou o Governo, com approvação geral, foi de abonar juros pelo capital de que se servia, e que no futuro seria pago pelo Banco, e tractar de lhe pagar os seus debitos logo que as circumstancias extraordinarias cessaram, até contrahindo emprestimos especialmente para este fim.

Em França os factos são tambem identicos.

O decreto de 15 de março de 1848 é assim concebido:

« Artigo 1.º Desde a data da publicação do presente decreto, as notas do Banco de França serão recebidas por moeda legal, tanto nas repartições publicas, como pelos particulares.

Art. 2.º Até nova ordem, o Banco fica desobrigado de pagar as suas notas em numerario.

Art. 3.º Em nenhum caso as emissões do Banco de França excederão a 350 milhões.

Art. 4.º Para facilitar a circulação, o Banco de França é auctorisado a emittir notas, que não serão menores de 100 francos.

Art. 5.º As disposições do presente decreto são applicaveis a todas as caixas filiaes do Banco nos departamentos. »

Eis aqui o Banco de França desobrigado em virtude deste acto do Governo de não pagar, como não pagou, as suas notas que lhe foram apresentadas.

Eis aqui, portanto, um documento, que, segundo a original opinião de que tractamos, póde supprir o protesto para vencerem juro pela demora do pagamento.

Era portanto, segundo a mesma opinião, de rigorosa justiça que os juros fossem pagos aos portadores das notas. E tudo parece combinar-se para destruir quanto impugnamos. O Banco possuia uma avultada somma de fundos publicos, e portanto era muito praticavel o novo methodo proposto, do Banco os pagar por encontro ao thesouro publico. Mas não se fez, porque a rigorosa justiça, que preside aos actos da governação do Estado, e ás providencias de verdadeira salvação publica, sahem da alçada de um protesto commercial para o grande ambito em que se agitam os mais importantes interesses nacionaes.

A idéa da liquidação do Banco repugnou a toda a França; propol-a teria sido insultar a intelligencia do povo mais illustrado da Europa. Nessas horas de angustia, em que a revolução social que percorria o paiz fazia rebentar uma crise commercial, todos comprehenderam que sem o subsidio do Banco, limitado á forma irregular com que o podia ministrar, a ruina do commercio e do Estado não seriam duvidosas.

Os juros devidos pelo Governo ao Banco foram sempre abonados. E depois do curso forçado importantes emprestimos se realisaram.

Em 31 de março 50 milhões de francos sobre penhor de letras do thesouro da Republica.

Em 5 de maio mais 50 milhões.

Em 3 de junho o mais importante de todos. Pelo contracto que lhe dizia respeito o Banco se obrigava a emprestar 150 milhões ao thesouro a saber: 75 milhões em julho, agosto e setembro de 1848, e igual somma em janeiro, fevereiro e março de 1849, parte era uma transferencia de creditos que o Estado lhe devia pagar em 1848, e á outra parte serviam de penhor as florestas do Estado.

Não deve esquecer a parte que o Banco tomou em tornar effectivo o emprestimo de 250 milhões, adjudicada em 10 de novembro de 1847, do qual a decima parte, já antes da revolução havia sido entregue ao Governo decahido; e tendo o novo Governo revolucionario reconhecido nobre e honradamente esta divida, sem duvida ou deducção que o deshonrariam; e apesar de que os titulos da parte entrada quasi que não tinham valor no mercado depois da revolução.

É preciso advertir que um dos menores destes emprestimos, o primeiro de 31 de março, na presença da gravidade e violencia da situação trouxe imposta a condição, a que o Banco annuiu, de não vencer juro por um anno.

E apesar desta annuencia, e do praso que se fixou para o não vencimento do juro ser tão curto, o conde de Argout no seu Relatorio de 1848, como governador do Banco, dera a esta condição a denominação de insolita. Como não seria ella qualificada se representasse uma deducção de juros, ou suspensão sem audiencia nem consentimento do Banco? Em Portugal, que em relação ao Banco se observam factos desta ordem, levanta-se uma opinião para contar juros que não existem; e em França onde os contractos são respeitados em todas as suas partes, por todos os governos ainda os mais oppostos, e o Governo solvendo os seus debitos, auxilia assim o Banco, e mantem o credito, alcança o restabelecimento da confiança publica, sem deducção injusta de juros, mas com o cumprimento das leis, e observancia escrupulosa de todos os contractos.

O exemplo tem tão apreciaveis resultados, que nos parece tentador.

Esta parte do nosso trabalho vae mais longe do que esperavamos; para chegarmos aos ultimos recursos da opinião que impugnamos, teremos de considerar ainda o celebre argumento de analogia em relação á Inglaterra, a primeira nação commercial do mundo, ligando esse exame com o das causas e effeitos necessarios do curso forçado das notas do Banco de Lisboa.

S. J. RIBEIRO DE SÁ.

LAMPIÃO DE LUZ MERGULHANTE.

Tomando por encargo dar noticia dos inventos estraugeiros que nos parecem uteis, é rigosa obrigação registrar os que se devem aos nossos compatricios. Ahi vae um recentissimo, feito na cidade do Porto no mez de junho proximo passado, e que vem descripto no jornal da mesma cidade, *Braz Tisana*, nos termos seguintes.

Imagine-se um lampião sem porta, com meio palmo de largura em cada face, e a altura competente; depois soldado sobre o fundo de cima (o qual deve ser quanto for possivel opilado para fora, mas sem emenda) dous tubos ao alto, de folheta, de cinco palmos e meio de comprido, e unidos um ao outro, exactamente como o cano de uma arma com a vareta. O tubo largo que deve caber-lhe um cruzado novo (e no estreito um tostão em prata) deve ficar collocado no meio, que é a chaminé, e o estreito, que deve ser em cima mais curto uma polegada, que é para sorver o ar, deve principiar um palmo antes de chegar ao lampião, a separar-se do tubo largo, abrindo como um compasso, só quanto seja sufficiente para encostar a um dos cantos da tampa do lampião, e enfiar por ella para a parte de dentro, encostado aos vidros até ficar desviado do fundo de baixo uma polegada.

Um canudinho de duas polegadas de comprido e da grossura de uma vella, deve ficar atravessado e soldado no fundo de baixo do lampião, meio fora e meio dentro para se lhe metter um bocado de vella acceza (até a altura regular), porém com alguma rapidez para se não apagar por falta de ar. Se a vella não for tão justa que vede a agoa, então seja vella mais curta, e tape-se por baixo com uma rolha de cortiça.

Toda a machina deve ser pintada de preto, porém as juntas dos vidros nos caixilhos devem levar duas ou tres mãos de tinta, para a agoa não entrar. O fundo do lampião deve ter duas argolinhas nos dois cantos oppostos, para prender o pezo para mergulhar.

Como o fogo adelgaça e impede o ar pelo tubo largo, entra o ar novo pelo tubo estreito, pelo motivo deste tubo ficar abaixo da luz; girando assim o ar nos dois tubos como um rosario de pucaros em uma nora, porque isso é a causa da luz se conservar accesa; pois que tapando-se em cima com o dedo a boca do tubo estreito, a luz se apaga immediatamente.

Dando-se as proporções a esta machina, póde-se levar ao fundo quantas braças se desejar: a luz na agoa limpa tem um diametro muito grande, e mostra os objectos distinctamente, principalmente na agoa do mar. Havendo vento demasiado, embaraça no tubo grande a sahida do fumo, como tambem amortiça a luz o frio, estando a machina muito tempo debaixo de agoa, por causa de ser pequena.

Na perfeição, póde-se pôr uma luz maior sobre um parafuso largo de bronze (untado com gordura para vedar a agoa) entarrachado no fundo de um lampião grande de cobre.

Os melhoramentos aperfeiçoarão esta descoberta, que mesmo assim em ponto pequeno, serve de divertimento para nas marés vivas (agosto e setembro) se pescar de noite ao candieiro, isto é, em um barquinho, com a luz pouco mettida n'agua, e com uma pequena fisga miuda se apanham peixes; principalmente até um quarto de legoa proximo do mar.

O funileiro que fez a machina do ensaio, João Lino dos Santos, mora na rua dos Mercadores n.º 151 no Porto.

N. B. O auctor offereceu e remetteu pelo vapor *Mindello* ao sr. duque de Saldanha, a propria machina do ensaio, e um exemplar da mesma ao consul britannico nesta cidade.

PARTE LITTERARIA.

A MOCIDADE DE D. JOÃO V.

ROMANCE.

Capitulo XXX.

NEM SEMPRE O AMOR COM AMOR SE PAGA!

(Continuado de pag. 33.)

Mais serena, instantes depois, e tremendo interiormente da sua fraqueza, Thereza tornou de novo a assentar-se. O mancebo seguiu-a não intendendo a mudança repentina, que lhe escurecia a vista e fazia o semblante aprehensivo. Em vez de a alegrar, o sorriso immovel nos labios da irmã de Cecilia, era como as bellas sombras de alguns quadros. Respirava a melancolia que adormece os olhos, quando a fadiga de sentir os faz cerrar.

— « Jeronymo » disse ella emfim com a voz por tal modo tímida, que parecia um ecco do proprio coração: « tem muitas saudades desse tempo? Não lhe parece que vivemos demais... em sonhos? Seja rasoavel. Hoje não é hontem. E se nos tivessemos enganado?... »

— « Enganado! » exclamou elle, levantando as mãos.

— « Deixe-me dizer!... Supponha que me enganei eu! E se não houvesse amor, mas amisade... estremosa, mas só amisade?... Não era bastante, não era melhor?... »

— « É tão diverso! » murmurou o mancebo fazendo-se pallido.

— Menos do que julga... uma irmã é o sangue do nosso sangue... »

— Mas uma esposa, Thereza, é o sangue da nossa alma! »

— « Nem sempre! O amor parece-se com as flores — é tão breve! Bem vê; uma senhora que se estima e deseja confiar no seu coração até ao fim, não deve prometter, deve dar a felicidade a seu marido... Um engano faz tremer; e ninguem sabe... »

— « Isto não se sabe, sente-se!... » atalhou elle com doçura melancolica. « Um engano? » accrescentou sorrindo magoado. « Ha quem se não illude nunca: é o coração! Dize ao meu, que vendo-te, não palpite! »

— « E depois de esposo cuida que será o mesmo? Julga que d'aqui a dez annos póde amar como hoje, que é noivo?... Se isto é amor; porque a nossa ternura tenho receio que não seja senão amisade... »

— « Não; não! A amisade é menos! »

— « Jeronymo, espere para fallar. Ainda não sabe. »

— « Sei. Sinto! »

— « Desconfie! E se eu faltasse? O seu dever não era consolar-se, existir? No primeiro anno tinha odio ao amor; acredito. No segundo era só indifferença? Ainda! Mas depois? Captivava-se, dizendo que não. Desejava ser fiel; resistia; sei muito bem; mas no fim, como a alma não morre, e a dôr se gasta com a saudade, no fim cedia! »

— « Thereza! »

— « Cedia... é o coração do homem! Quer que vá cegamente? Estou defendendo a sua felicidade e a minha, como irmã, como amiga... »

— « Como amante, não? » disse elle com dôr.

— « Tambem! Mas deve escutar a rasão. Ainda me não respondeu: se fosse sua irmã não era o mesmo? »

— « Uma irmã é muito; mas o amor é tudo » replicou o mancebo. « Thereza, conhece que estremeço Cecilia, e desejo vel-a feliz... pois, se a perdesse, podia consolar-me e viver sem ella... estimo-a com affecto, e de longe lembra-me sem pesar... Não é uma saudade como a sua! »

— « Parece-lhe! Costumou-se a vêr em Cecilia uma irmã, e em mim uma noiva... É donde procede!... Pois eu era capaz de aceitar a troca! »

— « Tu!... » exclamou Jeronymo, com impeto cheio de terror e de paixão.

— « Eu!... Não se admire... tenho medo! Quer que lhe diga?... assusta-me vel-o assim arrebatado... Não amou outra, não conhece ainda... »

Elle deixou passar um raio de luz pela tristeza que lhe humedecia a vista; e uma ironia terna espaireceu-lhe a phisionomia de repente. Levantando-se, pegou-lhe na mão com extremo, e trouxe-a comsigo. Estavam defronte do espelho, e o vidro reflectia a apaixonada expressão do mancebo, e o semblante mais sereno da donzella. Ajoelhando, e pousando a bocca na ponta dos rosados dedos, que Thereza lhe estendia, Jeronymo respondeu com certo enleio:

— « E se tivesse amado, perdoava-me? »

Sem saber porquê, e obedecendo a uma das mil contradicções, que tornam a vida um mysterio, e um abysmo, a irmã de Cecilia, ouvindo a pergunta, fez-se pallida, e lançou da vista uma chamma, que se apagou em duas lagrimas. O que mais desejava momentos antes, parecia-lhe agora crueldade. A existencia de outra paixão, e de uma rival, era a liberdade; entretanto o orgulho, e o coração choravam, receiando que podesse havel-a. Um ciume injusto, raivoso, absurdo principiou-lhe a arder no peito e a abrasal-o. O desdem armava os olhos de uma frieza cortante; a magoa resentida fazia tremer a voz. Por mais que se quizesse disfarçar, liam-se-lhe os zelos no semblante, no tom, e no menor gesto mesmo.

— « Ha de confessar-me tudo? » acudiu encubrindo a curiosidade inquieta e dolorosa em um sorriso, aonde se viam quasi as lagrimas. « Promette não me occultar nada? Para sua irmã » accrescentou, dando expressão á palavra « não deve ter segredos... Depois, eu sou discreta! Foi ha muito tempo?... »

— « Desde a ultima viagem! » replicou Jeronymo com um valor que a confundia.

— « Ah!... Quando me dizia, justamente a mim!... E amou-a muito? »

— « Tanto, que só agora sei que ainda posso amar mais!... »

— « Ah! Hoje é que se engana. Talvez! Era bonita? Não preciso perguntar » ajuntou anciosa e cada vez mais tremula. « Os seus olhos dizem...

— « Linda como só conheço uma!... »

— « Ainda acha?... »

— « Sempre achei. »

— « Sempre! Mesmo então? Nesse tempo, creio, dizia-me... Não quero lembrar-me do que dizia!... Somos irmãos! Vamos; e os olhos dessa menina são... pretos como os de Cecilia, ou azues como os de Catharina?... » proseguiu respirando com tamanha expressão, que o justilho arfava, e a voz prendia-se.

— « Nem azues, nem pretos... são mais raros! »

— « Mais raros!... observou ironica... Nem azues nem pretos!... Então eram... são... pardos, talvez? »

— « Nem pardos... »

— « Temos algum anjo então? »

— « Quasi. Depois, diz tanto, sem fallar, aquella bocca! » acudiu o mancebo olhando para ella e sorrindo-se.

— « É mimosa e linda, não? um beijo parece que a fere. »

— « Talvez lhe custe a acreditar. »

— « Que prodigio! Acabe a pintura. Falta-lhe dizer que não ha figura mais esbelta... depois de tantas perfeições!.. »

— « Tanto que uma das Graças tinha inveja. »

— « Ah!.. Bem se vê como a adora! Sabe o que o retrato diz? confessa-me o seu amor... E ella?.. »

— « Theresa! Ella... podia fazer-me feliz com uma palavra; mas não quer. »

— « É pena!.. »

— « Se eu lhe mostrasse o retrato?.. »

— « Para que! A descripção basta... Se é galante e prendada, como diz; se é menina e meiga como julgo... »

— « Tem a sua idade. Nem um dia mais. »

O mancebo olhava para ella com ternura tal, que Theresa palpitante, e interiormente devorada de ciumes e de ira, pareceu-lhe vêr nella mais um ultrage. Faltava-lhe já o animo para dissimular. O coração não podia com o orgulho e com a magoa. Suffocava de resentimento. Assentando-se com impeto, e batendo o pé de leve ao principio, e com força depois, a cholera enlaçava-lhe as faces; e os olhos eram dois raios de luz. Todas as provas da paixão de Jeronymo lhe esqueceram para lhe lembrar só que o passado parecia não ser seu. O ciume dilacerava-a, porque a vida do mancebo lhe não pertencia inteiramente. O orgulho, a paixão dominante do seu caracter, levantava-se armado de zelos, e cortava-a. Um veu tomava-lhe a vista. As palavras ardiam nos labios, sahindo com difficuldade.

— « Jeronymo » disse na voz sumida, e vibrante, ao mesmo tempo, que é o indicio das tempestades da alma « se não quizesse ser sua irmã sabe que era cruel o que acaba de me dizer? E se eu o amasse?... Julga que uma esposa, depois desta confissão animada, digo só animada, não era infeliz toda a vida?... Porque não m'o disse antes? Enganar-me tanto tempo!... Não negue! Enganou-me, quando prometteu... »

— « Theresa, eu é que amava... ella não! »

— « E a mim offerecia-me o coração que lhe rejeitavam... para se consolar!? Ah! Os homens, os homens! E eu que cheguei a crer... Se o tivesse amado, Jeronymo, despresava-o!... »

— « Esqueceram as nossas condições, Theresa? O peccador confessou-se porque se lhe prometteu perdão... Seja misericordiosa... Ha tanto tempo! »

— « Não importa. Escarnecia-me, zombava! Se ella o quizesse não estava aqui... »

— « Estava! »

— « Olhe, parece-me que lhe vou tomando odio! A qual das duas enganava? Se eu lhe entregasse a alma não ía pôr aos seus pés mais um triumpho? E não corar!... E confessar-m'o ainda? »

— « Não me disse que era irmã; e que os irmãos não teem segredos?... Julguei... »

— « Julgou!... Não! Riu-se da fraqueza do meu coração, quiz-me abater aos proprios olhos... Agora lembra-se de que somos irmãos, e ha pouco... Basta! E eu que tinha dó, que sentia... Jeronymo não torne a apparecer-me. Ama outra. Se ella fôr tão vil... »

— « Não diga nada que a offenda! Mesmo sem ser amado era capaz de morrer por ella!... »

— « A qual mentia? » acudiu a irmã de Cecilia levantando-se e fulminando-o com a vista « Acabemos! Depois do que sei... está livre. Chamei-o para lhe pedir... »

— « Estou prompto a obedecer... »

— « Jeronymo, ainda não percebeu que deixei de o estimar?... Esse riso fere ainda mais do que as palavras, e é indicio de uma alma... que outras souberam conhecer melhor... Procure consolações para o seu amor, mas não me torne a offender... »

— « Ouça-me, Theresa. Ao menos veja o retrato... Se elle não me desculpar... »

— « O retrato! Que me importa? Quer que veja que é mais bella? bem sei. Fique satisfeito, eu mesma o digo... Uma pergunta ainda. Eu conheço-a? Ella sabia?... »

— « Conhece!... Sabia! »

— « Oh, então, hei de conhecel-a tambem! O retrato! O retrato! »

O mancebo, pegando-lhe quasi por força na mão, levou-a diante do espelho, e mostrando-lhe o rosto no vidro, exclamou rindo:

— « Eil-o aqui; dirá ainda que a enganei? »

Ella soltou um grito de jubilo, escondeu o rosto escarlate de prazer entre as mãos, e depois desmaiou quasi sobre o braço, que a amparava. Ao mesmo tempo Jeronymo acrescentava com tristeza:

— « Não é verdade? Não sou eu só que amo? »

Os dedos de Thereza já não escondiam as faces, o seio palpitava com o alvoroço; e uma das mãos tremula e esquecida apertava a do mancebo. Mordendo sem ira os beiços, e avivando-lhes o carmin, deixou fugir dos olhos quasi uma promessa. Era tão feliz neste momento! O seu orgulho triumphava tanto, quando mais humilhado se julgara!

A verdade, que lia na vista de Jeronymo, tirava-lhe a menor duvida. Era amada! Nunca tinha deixado de o ser. O ciume só é que a podia illudir a ponto de suppor possivel outra coisa.

— « Não! » acudiu sorrindo « O seu retrato é de um anjo, e eu não sou senão mulher. Veja! Os olhos pretos de Cecilia teem mais graça. E entretanto disse-me que os do retrato eram raros! Como quer que o acredite? »

— « Quando fallam, ha mais amor nos seus. »

— « Lisonjas! A belleza está nos desejos do pintor. »

— « Olhe, e negue! » disse elle com um sorriso, mostrando-os no espelho.

— « A bocca de Catharina é tão galante, e na de Cecilia ha um enlevo! »

— « Um sorriso, Thereza, e verá que não tem rival. »

— « Não posso consentir, Jeronymo!.. Estar-me a adorar, e eu ouvindo! Por um instante ia aborrecel-o! Mas é que era uma perfidia... »

— « Se me tivesse amor não acreditava! »

— « Da sua bocca?.. »

— « Era impossivel até na minha bocca! »

— « Quer que seja sincera?.. Até aqui fomos duas creanças... Bem viu. Cuidando que o affecto que sentia era amor, illudia-o sem querer... Conheci o erro... perguntei ao coração... »

— « E elle? »

— « Não me respondeu! »

— « Thereza! »

— « Escute! Desci ao fundo da minha alma... »

— « E a sua alma?.. »

— « Ficou fria! »

— « Ah!.. »

— « Ouça. Não lhe tinha amor... era ternura, affeição de irmãn, tudo menos amor. Hei de dizer-lhe a verdade. Ás vezes a imagem de outro... luctou com a sua. Quiz sacrificar-me, e não tive animo. Precisava enganal-o para o fazer feliz, dizer o que não era, fingir o que não pensava; o que não sentia... »

— « Que desengano!.. »

— « Ainda não. Ha meia hora... quando cuidei que outra era mais amada senti o coração. O ciume, a magoa, e não sei que dor cruel, fizeram-no arder... Diante de uma separação inevitavel achei-lhe saudades que nunca teve... Não decido, não prometto! Sei só que se o visse esposo de outra... »

— « Acabe! »

— « Não! Tenho medo ainda de o enganar. »

— « Porque não morri, antes de vir aqui! » exclamou o mancebo dolorosamente deixando pender a cabeça, como se a alma fugisse no gemido, em que se lastimava.

— « Porque não se morre quando ha esperança! » respondeu ella, tornando-lhe a abrir o ceu no sorriso cheio de promessas. Depois, pegando-lhe na mão com um gesto indefinivel de graça e de pudor, acrescentou: « Jeronymo, não lhe disse ainda agora: sejamos irmãos, sem me atrever a declarar mais nada? Não adivinha que sinto que espero muito, uma vez que lhe confesso tudo? Não vê que sei o que é a dor e o ciume, e que apesar disso não lhe occulto nada?.. Ha coisas que mesmo uma irmã não diz a seu irmão. »

— Então?.. interrompeu o mancebo reanimando-se, e pendendo ancioso da sua bocca. »

— « Póde guardar-me o seu amor e a sua fé seis mezes mais? Terá confiança em mim para nada me perguntar nem me pedir até ao dia em que elles findem? É capaz de se ausentar e de jurar que não irá arriscar a vida por uma... loucura? »

— « Só uma pergunta, Thereza, ama, ou amou alguem? »

— « Não sei. »

— « Mas receia amar? Teme... »

— « Desejo! »

— « E diz-me que espere?! »

— « Sim! »

— « E manda-me viver! »

— «Sim. Não percebe que se eu amar, somos felizes? Peço-lhe este sacrificio. Jeronymo... depois de tantos... Não m'o faz? Seis mezes! No fim delles...»

— «Sou livre, posso dispor de mim? Sem essa condição recuso.»

— «Promette?»

— «Juro. E até lá?..»

— «Esperemos!» concluiu ella sorrindo com tristeza.

— «Agora eu, Thereza! disse o mancebo com um veu sombrio na vista. Dentro em tres dias volto ao exercito... Não se assuste, hei de viver... São seis mezes, seis seculos que me condemna a penar sem um dia de alegria. Entrego nas suas mãos a minha vida... No fim delles, a esta hora hei de saber?..»

— «Mais cedo, acredite.»

— «Deixa-me partir, e nem uma esperança me dá ao menos?»

— «Não é melhor a certeza?»

— «Thereza, pela ultima vez! Amo-a, adoro-a! Era muita felicidade unir Deus um anjo ás fadigas e aos perigos de um soldado... Tinha sonhado; não estranhe que me custe a acordar... É a dor de me vêr só... Irei para o meu desterro e d'aqui a seis mezes uma carta me dirá quando poderei voltar... ou se deverei morrer.»

— «Jeronymo, eu não queria enganal-o!»

— «Não me queixei... Thereza, adeus!»

— «Não lhe esquece nada?» perguntou ella com um sorriso em que havia lagrimas e seducção adoravel.

— «Nada. Deixo a alma pedindo que o meu desterro seja curto.»

— «Não quer, uma lembrança de... sua irmã?»

— «O coração não precisa senão de amor!... E minha irmã disse, que ainda não m'o podia dar.»

— «Mas pode prometter...»

— «Não, Thereza; era compaixão. Os seus olhos estão callados.»

— «Tem rasão... É melhor assim... Adeus, Jeronymo!»

Depois, no momento em que elle se retirava, por um impulso espontaneo e invencivel, tomou-lhe o passo, e escarlate de pejo pousando-lhe os labios ao de leve na testa, cingiu-o com ternura nos braços, e fugiu para o seu quarto.

O mancebo extatico virava-se apenas, quando a viu já entre a porta, enviando-lhe um osculo e em sorriso na ponta dos dedos, ao mesmo tempo que a doce voz exclamava:

— «Jeronymo, diz-me o coração, sei que volta cedo.»

O mancebo soltou um suspiro e saíu sem ter animo de tornar a olhar para ella.

Pobre Jeronymo!

L. A. REBELLO DA SILVA.

(Continúa.)

UM ANNO NA CORTE.

CAPITULO XXXXVIII.

O DUELLO.

A noute era de luar, desse luar fulgido e intenso que offusca o lume das estrellas, e torna tão vivas as linhas ondulosas da crista dos montes, e da ramagem fantastica das arvores, como se fossem recortadas no branco apenas anilado do ceu. A noute estava calmosa, e no interior do pinhal basto e emaranhado de urzes, de estevas, de sarças, de tojo, que cercava Montemór-Novo, não penetrava a aragem que de tempos a tempos corria pelos topos das arvores, produzindo um ruido, que de longe similhava o bater das vagas na costa do oceano, e de perto parecia apenas o escorregar brando das aguas de um regato sobre seixos e conchas. Além do ramalhar das arvores, enchiam o bosque esses centenares de vozes, que animam, que dão harmonia ás formosas noutes de verão neste nosso paiz, onde a vida brota por toda a parte, e gira em todos os atomos. Era o coachar quasi continuo das rãs, que de charco para charco se chamavam, ora em tom grave e sonoro n'uma cadencia lenta e compassada, ora em tom agudo e estridente n'uma cadencia rapida e desordenada. Era o estridor dos grillos que acompanhava o zumbido de milhares de outros insectos, a que de tempos a tempos se juntava tambem o canto importuno da cigarra. Eram ás vezes os uivos lugubres e dilatados dos lobos, ou os pios tristes e entrecortados dos moxos. Emfim, como suave aspiração da natureza ao sublime da melodia, era de quando em quando o rouxinol que entoava a medo algumas notas soltas, depois trillos e vollatas sem ritmo; depois suspiros limpidos e tão suaves que mal se podiam distinguir dos murmurios das folhas. Harmonias, como as que naquella noute enchiam o bosque, só Beethoven e Weber souberam imitar.

A luz alvacenta do luar, passando a custo por

entre a folhagem basta dos pinheiros, vinha desenhar sobre a areia branca e solta do caminho sinuoso, que atravessava o bosque, figuras irregulares, que tremiam, brincavam, transformavam-se mal o vento agitava a larga copa das arvores. Era por este caminho areento, alumiado apenas pelos escassos raios da lua coados por entre os ramos, que iam a passo, porque as desigualdades do terreno e os barrancos cavados pelas torrentes do inverno não lhes consentiam outra andadura, dois cavalleiros, ambos com chapeus de abas largas, gibão estreito, bacamarte a tiracolo, e alforges nas ancas do cavallo.

— Que excommungado caminho — disse um dos viajantes. — Não chegamos nem daqui a uma hora a Montemór.

— Os cavallos não podem ir mais depressa por esta areia — respondeu o outro.

— Ahi vás tu agora, Luiz — proseguiu o primeiro, — vêr essse mundo, que dizem que tem tanto que admirar; essa bella côrte de El-rei de França, onde ha tanta riqueza, tantos divertimentos, tantas mulheres formosas, que não vivem senão para amar e ser amadas. Não me voltes de lá namorado!

— Bem sabes que não é possivel isso — respondeu Luiz de Mendonça. — O que eu desejo, o que busco agora é arrancar do coração o que nelle tenho. O coração tambem delira ás vezes, tem esperanças, tem ambições insensatas, Francisco d'Albuquerque!

— Sempre eu pensei assim: e espanta-me o vêr como disso te admiras — accudiu o capitão Francisco d'Albuquerque. — Amigo, se a cabeça não tem prudencia, como se ha de exigir do coração que a tenha.

Os dois viajantes proseguiram a caminhar callados; até que Francisco d'Albuquerque não podendo conter-se exclamou:

— Que tempo ha que a não vejo! Desde aquella noite fatal em que ambos estivemos perdidos; quando El-rei, guiado por uma bruxa...

— Aquella mesma que em Alcantara nos prognosticou futuros terriveis; Zaida, a mãe de Aza.

—A maldicta faz os prognosticos, e trabalha depois para que se realizem. Vaticinou-me a morte, e queria vêr se El-rei me mandava enforcar! — exclamou Francisco d'Albuquerque. — O que é certo — proseguiu elle — é que, se o Castello-Melhor não aparece tanto a tempo para nos dar aviso, apagar a luz, e mandar-nos para Salvaterra, estava eu a esta hora morto de véras; e ella, a minha pobre Margarida... talvez assassinada tambem.

— O Conde salvou-te por interesse proprio.

— Não duvido, Luiz de Mendonça; porém salvou-me. O Conde já por duas vezes me salvou a vida. E é por isso que me custa o entrar em todas estas conspirações contra elle.

— E o bem da patria?

— Olha, Luiz — interrompeu o capitão — parece-me que Portugal não ha de ganhar muito, se em vez do Castello-Melhor ser ministro, El-rei se deixar governar pelos que governaram a rainha mãe. Estamos aqui n'um deserto, e nem a lua nos vê á sombra destes pinheiros, posso dizer-te sinceramente o que penso sem receio de ofender o Infante: parece-me que o conde não é tão máu como o querem fazer, e que Portugal lhe deve, em grande parte, o ter podido nestes ultimos annos sustentar a sua independencia.

— Estás agora pelo conde? — perguntou Luiz de Mendonça.

— Não: mas como quem já não é deste mundo, como homem morto que sou, não digo senão verdades — disse Francisco d'Albuquerque, rindo.

— Então como estou fallando com um morto, e a lua não nos vê, nem nos ouve — e Mendonça ria dizendo isto, — vou dizer-te o que penso destas conspirações, e alliviar-te assim em parte do pezo que tens na consciencia.

— Como! de que modo?

— Estas conspirações, estas guerras não são contra o conde só; os conspiradores pozeram a mira mais alto.

— Pois até a El-rei querem chegar?

— Ouve. Quando hontem te deixei na sala do noviciado da Cotovia, em que ambos nos achavamos escondidos — principiou Mendonça, — fui á cerca, onde me estava esperando o padre Manuel Fernandes. Logo que me avistou, disse-me que me ia confiar uma missão difficil, que muito interessava o sr. Infante e a Rainha. Respondi-lhe que estava prompto para tudo que me ordenasse: e então, entregando-me estas duas cartas que levo para El-rei de França, recomendou-me muita cautela, muito segredo, muita diligencia; marcou-me o itinerario, as casas em que hei de pernoitar, as pessoas com quem devo fallar; participou-me que até Elvas iria acompanhado por ti, mas que em Elvas nos devemos separar, porque alli me está esperando um padre da sua ordem, para me conduzir até Paris: em fim fallou-me com tal clareza e individuação de

toda esta viagem, que me convenceu de que tudo está preparado para uma empreza mais importante do que tirar o conde valido do lado d'El-rei.

— Talvez te não enganes nas tuas conjecturas.

— Ao separar-se de mim o padre Fernandes disse-me, pondo-me a mão no hombro, estas formaes palavras: » vá, sr. Luiz de Mendonça, vá a esta viagem longa e difficil, que quando voltar ha de cá achar grandes mudanças. Em vez de assassinos para o apunhalarem ha de, se Deus proteger os que só em o servir cogitam, encontrar quem o premeie, pela sua dedicação e fervoroso amor ao sr. Infante e a sua Magestade a Rainha. » Hei de encontrar grandes mudanças, diz o padre Fernandes; e essas, quaes poderão ser senão mudanças de governo e de rei?

— Esta união secreta da Rainha com Sua Alteza é para dar que pensar, isso é verdade, Luiz — disse o capitão.

— O que é sem duvida para mim é que, entre a Rainha e o sr. Infante ha mais do que uma união politica! — acudiu Luiz de Mendonça com um suspiro.

— A mim não me disse o confessor de Sua Alteza mais do que o que te contei já. Recomendou-me que te acompanhasse até Elvas; e que, se por desgraça tu fosses detido no caminho, tomasse conta das cartas que levas, e as entregasse no collegio dos jesuitas de Elvas ao padre Lobato, e lhe obedecesse como se elle fôra o proprio sr. Infante. Depois, como eu lhe lembrasse as promessas que elle me fez de salvar Margarida do terrivel captiveiro, em que agora a tem El-rei e Henrique Henriques, prometteu-me, que ao voltar de Elvas talvez ella já me estivesse esperando em Aldea-Galega. Pobre Margarida! — exclamou o namorado capitão — o que não terá padecido, fechada naquella casa da Ribeira como n'uma prisão, vigiada de dia e de noite, guardada pelos da patrulha baixa, sem saber novas minhas desde Salvaterra!

— E Theresa, a candida Theresa, que ainda não sabe se estás morto ou vivo, e que talvez a esta hora estará pensando, que eu me esqueci della; eu que a estimo, que a respeito, que lhe quero como a uma irmã — disse Mendonça.

— E tens rasão, que Theresa é um anjo. Eu é que fui, é que sou um ingrato com ella. Mas o que póde a vontade sobre um coração, que se apaixona, e que nas suas paixões é egoista e indomavel.

Fallando assim, ora dos seus amores, ora das suas esperanças, ora das coisas politicas em que ambos eram interessados como criados do Infante, os dois viajantes chegaram ao logar, onde a senda sinuosa e areenta que seguiam, saindo do pinhal, se estendia quasi em linha recta até Monte-Mór, que ficava a curta distancia.

— Lá estão as duas luzes, que são signal de que somos esperados alli — disse Luiz de Mendonça, mostrando ao seu amigo uma casa um tanto afastada da villa, e por cuja janella se divisavam duas luzinhas, postas uma por cima da outra. — É alli que vamos pernoitar hoje.

— Pois agora, que a estrada é boa, vamos depressa, porque estou cançado de tanto caminhar — acudiu Francisco d'Albuquerque.

E, largando os cavallos a trote largo, os dois amigos chegaram á porta da pequena casa, que se abriu a um signal de Luiz de Mendonça. Quem abriu a porta era um velho com roupeta e cara de jesuita, o qual, logo que examinou n'um relancear de olhos os dois mancebos, dirigindo-lhe á cara a luz viva de uma lanterna que tinha na mão, soltou com voz lenta e soturna um *pax christi*, fazendo um gesto que queria dizer « entrae, que bem vos conheço. »

Os viajantes entraram n'uma casa terrea muito extensa, e mal alumiada por as luzes de duas lampadas penduradas do tecto por cordas diante da janella; aquellas mesmas luzes que Mendonça mostrara ao capitão, ao sair do pinhal, e que serviam de signal para elle conhecer o logar onde era esperado. No meio da casa havia uma grande meza cercada de bancos, tudo de cortiça tosca e rude; a um canto estavam empilhados muitos molhos de feno. Foi para áhi que os dois viajantes levaram os cavallos, depois de os terem desaparelhado, em quanto o jesuita fexava a janella, punha sobre a mesa a lanterna, e ia a uma prateleira buscar um prato de barro com uma perna de carneiro assada, uma borracha de vinho, e um enorme pão de rolão.

J. DE ANDRADE CORVO.

(Continúa.)

NOTICIAS E COMMERCIO.

Communicação entre a costa oriental e a occidental d'Africa. — Sendo governador d'Angola, Antonio de Saldanha da Gama, que depois foi Conde de Porto Santo, entabolou relações

com a nação dos *molúas* no sertão, e do caudilho destes recebeu uma embaixada no anno de 1808. Neste mesmo anno alguns pretos feirantes tentaram a jornada para Moçambique pelas terras dos ditos *moluas;* e em 1815, governando Angola José de Oliveira Barbosa, chegaram a Loanda os dois pretos feirantes, Pedro João Baptista e Antonio José, com cartas do governador de Moçambique; o que provou a possibilidade da communicação pelo interior do continente africano entre essas possessões nossas, situadas a distancias tão remotas e oppostas *.

Vemos agora ainda mais comprovada essa possibilidade pela carta inserta no *Boletim d'Angola* de 24 d'abril ultimo, transcripta no *Diario do Governo*, que dá noticia de uma viagem da costa oriental á ilha, e Costa occidental, desde o Zanzibar, onde estão Quiloa, Mombaça, e Melinde, nomes bem conhecidos dos leitores dos *Lusiadas*, até S. Filippe de Benguella. As consequencias, mais ou menos remotas desta viagem, que talvez abra caminho a descobrimentos geographicos n'uma região inexplorada, e a importantes especulações commerciaes, nos movem a trasladar aqui a referida carta.

Sr. redactor. — Escapam ás vezes factos interessantes para a historia, por falta da necessaria publicidade, e para que isso agora não aconteça, tomo a liberdade de o incommodar, pedindo-lhe a publicação do seguinte acontecimento.

No dia 3 do corrente chegaram a Benguella tres moiros acompanhados de uma caravana de 40 carregadores, que conduziam marfim e escravos para permutarem por fazendas. Estes ousados caminheiros, que, segundo dizem, vem da costa de Zanzibar, atravessaram do oriente para o occidente todo o sertão africano, e referem que tendo-se internado, successivamente se foram desfazendo de todos os objectos de negocio que traziam, trocando-os pelos generos acima referidos; e que reconhecendo então ser-lhes já difficil voltar a suas terras por falta de fazendas que os habilitassem a retroceder, resolveram proseguir a viagem na esperança de as encontrarem, como lhes haviam asseverado, um pouso mais para o interior por troca de marfim. Effectivamente no sertão de Catanga, se avistaram com o major do Bihé, que se dirigia a Benguella com os seus funadores, e tendo-os elle convencido a que o acompanhassem, aqui chegaram no dia acima indicado. Ancioso de colher noticias ácerca desta interessante jornada, tive uma entrevista com os ditos moiros, e pude colher o seguinte:

Um d'elles chamado Abdel, que já havia como piloto percorrido as costas da India, sendo natural de Surrate e seus paes de Mascate, diz que associando-se com outro moiro chamado Nassolo, resolveram ir á ilha de Zanzibar aonde este tinha um parente, o que effectuaram, e reunindo-se os tres resolveram ir negociar ao continente, para o que se dirigiram a Bacamoio, povoação gentilica no Zanzibar, aonde se encontram brancos que sabem escrever, que alli vão para mercadejar. Forneceram-se portanto ahi de carregadores para conduzirem as fazendas, e começaram a sua excursão, permutando-as successivamente por marfim e escravos até chegarem aqui, o que só teve logar no fim de seis mezes depois da partida da contra-costa, tendo no decurso deste tempo soffrido algumas privações, e apenas a morte de tres pessoas da caravana.

« Os pontos que dizem haver percorrido, são os seguintes: — De Bacamoio foram ás terras do Giramo, depois do Cuto seguiram para Segora, aonde atravessaram, serras elevadas até Gogo. Deste ponto até Mimbo gastaram 15 dias sem encontrar povoação alguma, e experimentando falta de agua seguiram depois para Garganta, e ahi tomaram um guia, que os conduziu a Muga, aonde encontraram muito gado. Vieram depois a Nugigi, e toparam nesta paragem com o lago Tauganna, sendo alli obrigados a construir uma embarcação na qual atravessaram o dito lago, gastando nesta viagem um dia e uma noite. Aportaram em seguida a Marungo, povoação cujos habitantes teem por costume arrancar-se os dentes. Dalli se dirigiram para Casembe, aonde ficou um dos moiros natural de Mascate chamado Said Gerard, com dois mulatos como guardas do marfim que deixaram neste ponto, em quanto os outros seguiam para a Catango, tendo a felicidade de deparar ahi com os funadores do major Coimbra, com quem vieram para o Cahava, caminho de Macacoma, aonde corre o rio Leambege, que parece ser o Cambecis, que vae a Quilimane. Atravessaram as povoações de Cabita e Bunda, notando que nesta ultima corre o rio Lunguebundo, confluente do Leambege. Desta paragem se dirigiram ao Quanza, Bihé, e Benguella, e pertendem regressar com brevidade ás suas terras seguindo o mesmo itinerario.

« Nesta cidade foram hospedar-se e fazer negocio em casa do sr. José Luiz da Silva Vianna, que se desvela em os tratar bem, assim como todos os moradores, de maneira que se não fosse a grande difficuldade da viagem, talvez que se abalançassem a emprehender outra, em companhia de mais alguns especuladores.

Tenho a honra de ser de v...

Attento venerador
Bernardino Freire Figueiredo Abreu de Castro.

Benguella, 13 de abril de 1852. »

* Vid. o *Almanack estatistico da provincia d'Angola*, de que no proximo numero daremos especial noticia, e que se vende nos principaes livreiros desta capital.

BIBLIOGRAPHIA.

Bibliotheca Portugueza.

Reproducção dos livros nacionaes, escriptos até ao fim do seculo XVIII.

A *Bibliotheca Portugueza* tem por fim generalisar o conhecimento dos bons auctores em todos os generos, e familiarisar todas as classes com os thesouros da nossa opulenta lingua. D'hoje ávante será inutil aos applicados e curiosos irem procurar os depositos

desses thesouros: são elles mesmos que os vêm procurar, e com todas as vantagens e commodidades. As collecções que até aqui se faziam á custa de grandes despezas, poder-se-hão fazer agora por modicissimo preço. Toda a fortuna, por modesta que seja, ficará habilitada para compôr um peculio de livros uteis ou raros. Para quem vive distante dos grandes centros de população onde só se encontram estes livros, que, pela maior parte, não se acham no mercado ou custam nelle um preço excessivo, esta publicação offerece tambem vantagens faceis de apreciar.

A *Bibliotheca Portugueza* comprehende historiadores, poetas, chronicas, viagens, romances de cavalleria, tratados, correspondencias, etc. — A publicação não se limitará a obras já impressas: publicar-se-hão tambem manuscriptos. — O texto será illustrado com prologos, notas explicativas e noticias variadas sobre a vida e obras dos auctores. — Assigna-se no escriptorio da administração da *Bibliotheca Portugueza*, Lisboa, rua Augusta n.° 110; e em casa dos seus correspondentes em todas as capitaes de districto. — Toda a correspondencia deve ser dirigida franca de porte ao administrador da *Bibliotheca Portugueza*. — As assignaturas fazem-se por series de folhas da maneira seguinte:

Serie de	30	folhas ou	1080	paginas	por 600	réis
»	60	»	2460	»	1$140	»
»	90	»	3240	»	1$620	»
»	120	»	4320	»	2$040	»
»	150	»	5400	»	2$400	»

O pagamento das series será adiantado. — As entregas serão feitas por volumes broxados. — Não se venderão avulso senão = obras completas = o seu custo será a rasão de 30 réis por folha.

Obras publicadas:

Obras de Bernardim Ribeiro 1 vol. — De Gil Vicente 3 vol. — De Francisco de Moraes 1.° e 2.° vol.

Estão no prélo:

Obras de Francisco de Moraes 3.° vol. — De Luiz de Camões 1.° vol.

CHRONICA.

Os dias passam, succedem-se com tal rapidez, que sem o percebermos nos achamos na vespera da publicação da REVISTA. Occorre-nos então a lembrança que temos de dizer alguma coisa para de certo modo satisfazermos a curiosidade de nossos leitores. Os que estão fóra de Lisboa hão de provavelmente desejar saber o que por cá tem acontecido de notavel durante a semana. Pois soceguem, que nesta estação do anno vive-se aqui na maior monotonia. Acabaram-se os bailes, as soirées, os concertos; os theatros estão fechados com a unica excepção do D. Maria II, e ainda não cessou a emigração para o campo. — De modo que passar agradavelmente uma noite em Lisboa dá hoje que pensar, particularmente a um estrangeiro. Se ao menos tivessemos os Passeios illuminados, onde nos podessemos reunir, ouvindo musica, a gosar da fresca aragem da noite que tanto se aprecia nesta estação calmosa. Pois nem isso mesmo! Apenas dão as Ave-Marias, justamente á hora em que os Passeios se tornariam mais aprasiveis e concorridos, eis que tocam as impertinentes sinetas, e *nous voila mis à la porte!* Coisa notavel, aquelle bello recinto de S. Pedro de Alcantara que poderia, sem grandes despezas, tornar-se um *rendez-vous* delicioso nas noites do estio, acha-se quasi sempre deserto depois das nove horas, a não ser que alli façam ponto de reunião alguns mendigos, ou alguns cidadãos de Tuy. Porém deixemos este assumpto, já varias vezes debatido pela imprensa, e confiemos que a actual camara municipal, amante do progresso, attenderá neste ponto aos desejos dos habitantes do municipio.

A reedificação do theatro do Gymnasio progride com celeridade admiravel. Entre nós que as obras de construcção costumam marchar a passo de formiga, causa satisfação vêr em mui pouco tempo levantar-se um theatro das ruinas de outro. O risco foi dado pelos srs. Rambois e Cinatti, e o talento daquelles insignes artistas nos faz prever já o melhor resultado áquella obra. Teremos, pois, um theatro que nos fará esquecer a antiga *capoeira*, e se não apresentar luxo e grandeza, que a tanto não chegam de certo os fundos da sociedade dos artistas, ao menos será elegante, e terá as commodidades necessarias. Dizem-nos que a direcção conta fazer a abertura no dia 29 do proximo mez de outubro, para commemorar o anniversario natalicio de S. M. El-rei D. Fernando. O sr. Taborda que é incontestavelmente um dos nossos artistas de mais vocação para o genero comico a que se dedicou, partiu ha pouco para Paris sob a protecção do rei, para ali estudar os melhores modelos que lhe fornecer o theatro francez.

Este artista não poderá demorar-se muito em Paris, porque tem de estar de volta a tempo de começar a nova epoca com seus collegas, mas assim mesmo acreditamos que a sua viagem lhe será proficua, e que teremos occasião de notar-lhe consideraveis progressos quando de novo pisar o palco do Gymnasio. É summamente louvavel o generoso proceder d'El-rei, a quem o sr. Taborda não recorreu de balde, e que aproveita qualquer ensejo que se lhe offerece de animar e favorecer os que prestam nesta terra um culto sincero ás artes. Desejariamos que os governos imitassem este exemplo, mandando por conta do estado aperfeiçoarem-se fóra do paiz alguns mancebos de reconhecido talento, que se tem dedicado ás bellas artes, e que a falta de recursos impossibilita de se tornarem conhecidos no mundo artistico.

Confirma-se a noticia de terem sido escriptuadas para o theatro de S. Carlos as duas primeiras damas Anaide Castellan, e Rossi Caccia.

Não terminaremos sem annunciar com o maior prazer que tendo cessado as difficuldades que se oppunham á illuminação do Passeio Publico, esta brilhante festa terá logar mui brevemente.

As nossas esperanças não foram, pois, illusorias, nem malogrados foram nossos desejos. A camara municipal attendendo ás rasões expostas desistiu por fim da clausula que o Asylo não podia acceitar. Nisto deu a camara uma prova da sua illustração, e de que não é hostil, como se poderia suppôr ao projecto da illuminação. Nem outra coisa era de esperar da camara, composta, como é, de cavalheiros que por tantos titulos são dignos da estima e confiança do publico.

DEMETRIO RIPAMONTI.